

CORPO

TRANSMISSÕES DA PERFORMANCE – ARTENOS FEMINISMOS EM PORTUGAL

MANIFESTAÇÃO

Inês Tartaruga Água, Oficina ARARA, Rita Barreira, Maria Braga, Vera Carmo, Alexandra do Carmo, Isabel Carvalho, Tânia Dinis, Bárbara Fonte, Isabel Freire, Juliana Julieta, Cláudia Madeira, Tita Maravilha, Ção Pestana, Paula Parente Pinto, Vânia Rovisco, Ana Bigotte Vieira + artistas do acervo do Performing the Archive: Natascha Fiala, K. Grunewall, Chantal Guyot, Suzanne Krist, Catherine Meziat, Elisabete Mileu, Elisabeth Morcellet, ORLAN, Lydia Schouten

CORPO MANIFESTAÇÃO:
TRANSMISSÕES DA PERFORMANCE-ARTE
NOS FEMINISMOS EM PORTUGAL

22 SETEMBRO – 12 OUTUBRO 2024
Horário: 4ª a Sábado das 15h00 às 19h00

22 SETEMBRO 2024
17h00 Inauguração
18h00 Performance: *Reacting through the archive of time* por Vânia Rovisco
18h30 Performance: *Gárgula sobre tenda de circo* por Bárbara Fonte

26 SETEMBRO 2024
Apresentação de Tita Maravilha nas DAMAS (Lisboa)

16 – 19 OUTUBRO 2024
Participação de Juliana Julieta (InResidence)

CORPO MANIFESTAÇÃO

Uma proposta de construção de um laboratório sobre TRANSMISSÕES DA PERFORMANCE-ARTE NOS FEMINISMOS EM PORTUGAL.

Uma equipa formada por artistas/ investigadoras/ curadoras reuniu-se ao longo de vários meses, visualizou e analisou documentos do acervo do Performing the Archive, procurando novas estratégias para lembrar a performance arte enquanto expressão artística a inscrever na cultura portuguesa, e recolocar em circulação materiais que necessitam ser repensados por novas gerações, encontrar novos espaços e meios de exposição.

Em contexto laboratorial e de residências artísticas, diferentes convidadas, nas suas respetivas valências profissionais, tiveram acesso a diferentes suportes documentais – vídeo, recortes de jornais, negativos e positivos fotográficos, provas de contacto, slides, livros, registos áudio, textos críticos, revistas, memórias, folhas de sala ou informação de redes sociais –, realizando novas entrevistas, produzindo conteúdos escritos, selecionando e produzindo obras a partir do arquivo, apresentando reflexões em diferentes contextos culturais, criando obras de arte, performances e filmes.

Sem omitir ou descurar a autoria associada aos autores, artistas e performers históricos, estas estratégias poderão evidenciar as dinâmicas de receção da performance-arte nos (trans e exo) femininos, através de ativas interpretações, memórias ou confrontações com novos públicos. O resultado destes laboratórios e encontros é agora parcialmente apresentado numa exposição de acesso público no espaço do PERFORMING THE ARCHIVE (Porto), evidenciando os processos criativos e curatoriais a partir dos quais se analisam as performances de artistas femininas no processo pós-revolucionário, através dos seus suportes documentais, atualizando-as para discursos e práticas contemporâneas de transgénero ou mesmo exógenas em relação a uma ideia de género.

Paula Parente Pinto

Obras em exposição

OFICINA ARARA

Serigrafias, 91 x 64 cm

A. Chantal Guyot

Performance nos IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal (Caldas da Rainha, 1977).

Créditos fotográficos: José Luís Almeida Silva

B. Elisabete Mileu

Performance no Festival de Arte Viva, Alternativa 3 (Almada, 1983).

Créditos fotográficos: Manoel Barbosa

C. Natascha Fiala

Performance com Dieter Hebben na Galerie Diagonale (Paris, 1983).

Créditos fotográficos: Egídio Álvaro

D. Elisabete Mileu

Performance na XII Bienal de Paris (Paris, 1982).

Créditos fotográficos: Manoel Barbosa

E. Susanne Krist

Performance (ainda não identificada).

Créditos fotográficos desconhecidos.

Seleção de cinco imagens / performances do acervo do Performing the Archive, serigrafadas originalmente pela Oficina ARARA para o ciclo expositivo “Egídio Álvaro (1937-2020). Lembrar o Futuro: Arquivo de Performances”, realizado na RAMPA (Porto), que decorreu entre 21 de abril e 11 de junho de 2024.



RITA BARREIRA

Viver entre as criaturas da noite: do comunalismo e práticas artísticas nas Damas para o Festival de Arte Viva (1981-87)*

*LAURA BRANIGAN

Composição de texto e documentação visual em torno do trabalho colaborativo entre as Damas e o Performing The Archive no âmbito do projeto CORPO MANIFESTAÇÃO: Transmissões da Performance-Arte nos feminismos em Portugal.

A partir dos modos e relações do espaço Damas em Lisboa, proponho um ângulo retrospectivo para as performances em bares e discotecas (Aniki Bobó, Finalmente) documentadas no contexto do Festival de Arte Viva (1980-87). Levanto esta medida para o arquivo enquanto atravesso os processos de investigação que vivemos juntas, trazendo à superfície do texto as mesas redondas e as conversas, as entrevistas presenciais a artistas e os laboratórios de documentação do Performing The Archive que tiveram lugar no Fórum Dança e nas Damas.



Alexandra Vidal e Clara Metais — DAMAS

VERA CARMO

Performance e Intimidade: O Audiovisual Feminino na Dissidência do Corpo

Texto, 2024

A partir do arquivo de Egídio Álvaro e da análise de obras audiovisuais de artistas portuguesas, Vera Carmo apresenta um texto onde aborda a performance audiovisual enquanto meio privilegiado de expressão feminina, adaptando-se às transformações sociopolíticas ao longo das décadas. Se, nas décadas de 1970 e 1980, as performances ao vivo frequentemente envolviam a exposição do corpo feminino em confronto e como ato de dissidência, a partir dos anos 1990, sentiu-se uma crescente dificuldade em sustentar essas manifestações públicas. Neste contexto, o vídeo tornou-se uma ferramenta central, oferecendo às mulheres um espaço de intimidade para continuar a explorar o corpo como lugar e metáfora das inúmeras questões que atravessam a sua experiência identitária e política.



ISABEL CARVALHO

Frio, 2024 (2024)

Vídeo, 8 minutos

Texto, voz, esculturas e fotografia — Isabel Carvalho

Edição e legendagem — Juliana Julieta

Em “Frio, 2024” — que toma como ponto de partida o arquivo de registos fotográficos da performance de Ção Pestana intitulada “Frio”, 1994 — enfatiza-se a performance material: a ação mecânica dos electrodomésticos, nos seus automatismos relativamente previsíveis e funções, o seu simbolismo no espaço doméstico, a presença e a ocupação do corpo — já não o único protagonista de performatividade.

Esta criação, no seu todo, é composta por fragmentos de uma conversa com Ção Pestana, ocorrida no dia 1 de fevereiro de 2024, no espaço Performing the Archive (Porto), na qual se abordou a sua formação científica inicial, o trabalho pedagógico e a investigação académica que desenvolveu, bem como a sua participação em “ações” na construção do conceito emergente de performance. Foram discutidas ideias sobre tecnologia e simbiose com o “natural”, novas formas de representação e a emancipação através do recurso a novos média, destacando-se a sua proposta estética, reconciliada com a ciência, nomeadamente com a biologia.

ISABEL CARVALHO

O nu e a audiência (2022)

Impressão de texto a jacto de tinta sobre papel fotográfico

Díptico (português/inglês), 70,50 cm/ cada

“(…) Dissemos que não era bonito, não podia ser, aceitar as transgressões de um corpo electrificado apto a existir, a ocupar espaços, a movimentar símbolos, em fúria, reclamando reacções públicas ao mesmo tempo que se movia de forma inconsistente, confrontando as nossa cómodas narrativas, como meros observadores, assim como os nossos mundos e os nossos pressupostos; (...) temíamos que se perseguíssemos uma cadeia de desejos, esta não deixasse de se multiplicar, cada vez mais, em outras configurações desejáveis que nos prenderiam a um ciclo sem fim; todos nós queríamos falar, talvez de coisas tontas, só porque os deslizos do que as nossas línguas transportam para os lábios podiam criar canais de ideias mais bem organizados, mas que também levariam facilmente ao fundo a nossa reputação de pessoas preparadas para o que vinham; ali sentimos que convergíamos para um caos; (...) Julgámos ter saído incólumes, ignorando que um corpo, como o nosso, tem outras formas de apreender o que nos foi oferecido a experimentar a partir de um outro corpo; pois habitar um corpo resulta em muito mais do que isso que se manifesta em nítidas resistências; quando só conjuga a vontade e uma frágil consciência de si, perde a capacidade de trazer para a luz do dia o verdadeiro reconhecimento das transformações sentidas, muito subtilmente, pelos nossos órgãos; esta oportunidade de superação, se assim vista, seria favorável para nos submetermos aos golpes infligidos posteriormente no nosso quotidiano, de acordo com os nossos desejos de mudança, como tal se pôde mais tarde verificar; sim, faltava que o tempo corresse o seu curso próprio para podermos averiguar que um corpo transformado num caleidoscópio de sensações, dificilmente captadas no imediato, é uma realidade viva, combativa.”

Obra apresentada na semana “Corpo Manifestação”, integrada no programa “Lembrar o Futuro”, Porto: RAMPA, 21.04-11.06.2022.

Excerto do texto “O nú e a audiência” que Isabel Carvalho apresentou na exposição “Lembrar o Futuro: Arquivo de Performance”, decorrida no espaço RAMPA em Abril de 2020, depois de ter tido acesso ao arquivo de performance de Egídio Álvaro.

BÁRBARA FONTE

Gárgula sobre tenda de circo (2024)
Performance inaugural

A performance em Portugal, evidente no acervo do Performing the Archive, é sentida pela artista Bárbara Fonte como uma declaração, através de manifestações e testemunhos, da morte como epílogo circense, tragédia entre louvores. A performance *Gárgula sobre tenda de circo* é uma ação sobre o corpo assumido na dialética entre poder e liberdade, nos seus meandros masculino/feminino, que dilata o fim como extremo lugar de combate.



Sem título, 2020, Bárbara Fonte

JULIANA JULIETA

Vídeo (apresentação pública entre 14 e 22 de Outubro)

Juliana Julieta é a artista proposta pelo Performing the Archive para realizar uma residência artística InResidence com o intuito de investigar, tratar e montar uma peça inédita e original (recorrendo ao uso da tecnologia vídeo/ imagens em movimento) sobre a performance de mulheres artistas no período pós-revolucionário em Portugal. Começando pelo visionamento e seleção de diferentes suportes documentais depositados no arquivo, a artista prosseguirá por um processo de identificação, tratamento e montagem de materiais, comunicação direta com artistas representadas no arquivo e interação com uma série de investigadoras na abordagem de temas em tratamento na programação do arquivo para 2024. A sua residência artística atravessa a exposição CORPO MANIFESTAÇÃO e termina com uma apresentação no espaço entre os dias 16 e 19 de Outubro, período em que estará disponível para receber o público visitante no Performing the Archive.

CLÁUDIA MADEIRA E BÁRBARA FONTE

Índex _ O Parlamento das Coisas (2024)

Proposta e conceptualização de Cláudia Madeira com a colaboração artística e performativa de Bárbara Fonte

20 fotografias, impressão glicée em papel hahnemuhle fotográfico pearl 260gr, 30x45cm

Caixa acrílica contendo o caderno “Índex_ O Parlamento das Coisas, CARTAS e desafio aberto a quem as lê”, impressão única a cores, 84 páginas, A5

20 carimbos, madeira e borracha, 3 x 5 x 3cm

O título deste projecto, sugerido pela análise de Scott Lash (1999) a partir do livro *Nous n'avons jamais été modernes: Essai d'anthropologie symétrique* (1991), de Bruno Latour, é a base para um questionamento desenvolvido entre Cláudia Madeira e Bárbara Fonte em torno de um Índex de vinte coisas, objectos, temas, palavras, (i)materialidades existentes nas obras de mulheres artistas que trabalharam entre os limites da arte da performance e do experimentalismo artístico, em Portugal, nas décadas de 1970-1980, presentes no acervo do *Performing The Archive*, ou a ele relacionados. Assumindo-se como um processo de subtração, ou redução, e ao mesmo tempo de transmissão e emanção do “arquivo-magma”, este Index foi materializado por um conjunto de foto-performances, desenvolvidos pela Bárbara Fonte, onde se esbate a relação dualista sujeito/objecto e as coisas ganham um papel no julgamento do mundo, insinuando utilidades, mas também necessidades, desejos, vida e morte, traumas, poder, silenciamento... Esse mesmo Índex será ainda composto por uma caixa de ressonância d'o Parlamento das Coisas, contendo um caderno com cartas dirigidas ao visitante para que participe no exercício de construção deste Índex e, ainda, por um conjunto de carimbos que lhe permitem imprimir, incorporar as palavras na sua própria pele, assumindo-se como representado e representante da simbologia latente e transitória do objeto-coisa-tema evocado.



TITA MARAVILHA

Bocas

Peça sonora, 2024

Tita Maravilha em colaboração com Menino da Mãe
(tratamento de áudio e composição)

Em Portugal, a expressão “mandar bocas” refere-se a comentários ou piadas indiretas, frequentemente provocadores ou críticos. Esses comentários, muitas vezes sutis, insinuam-se sem confrontar diretamente, mas deixam claro o alvo da crítica. Partimos dessa ideia para explorar, nos arquivos, as vozes e julgamentos escondidos por trás das imagens que moldam o olhar do espectador diante de várias obras de performance presentes no *Performing the Archive*. Neste trabalho, poderão ser ouvidos sons de “opinião” como: “Brusco, isto é tudo uma ganda merda”, “Isto é uma indecência, uma vergonha cá prás Caldas, não acho mainada” ou “Mas qual é o interesse disto, tu que sabes falar francês?”. Essas bocas são como piropos lançados sobre corpos performativos e o inesperado. Mas será que a voz do povo é realmente a voz de Deus?



TITA MARAVILHA

*Veias Abertas da Histórias da Performance em Portugal,
ou A Arte Surge da Limpeza*

Texto impresso, 2024 (apresentação pública dia 26 de
Setembro nas Damas, Lisboa)

Este texto poético-reflexivo nasce a partir das obras “Kunst kommt von Putzen” (“A Arte Surge da Limpeza”) de Natascha Fiala, com Elisabeth Morcellet, Suzanne Krist e K. Grunewall, apresentadas no Festival de Arte Viva, Alternativa 3, em Almada, 1983, e das performances “Vender o próprio corpo” e “Vestida com a própria nudez” da artista ORLAN, realizadas em 1977, nos Encontros Internacionais de Arte em Portugal, nas Caldas da Rainha. A partir dessas referências, exploro a relação com a minha prática artística, em que investigo a precariedade como material criativo e como uma lente para o pensamento contemporâneo. As “veias abertas” simbolizam tudo o que ainda está por revelar. O que me fascina são as falhas no sistema, a ousadia, e as “mulheridades” delirantes que criam poesia e resistência.

Palavras-chave: Vanguarda travesti - Pós-mundo - Brecha - Mercado - Limpeza - Explosão - Memória - Vida

ÇÃO PESTANA

Revisitação do trabalho intitulado *Praia-frio* (1994) e sua metamorfose num novo trabalho intitulado *DOCSÇAOPESTANA* (2023)

Obra original:

Praia-frio, fotografia 35mm, P&B, 1994
19 ampliações fotográficas, 12,30X9,00 cm/ cada

Obra em exposição:

DOCSÇAOPESTANA, 8 “gavetas de luz”, medidas variáveis, 2023
Som – Juliana Julieta

Registo fotográfico sequencial de gestualidades de uma mulher atuando dentro de um frigorífico, juntando objetos úteis e as suas memórias, narrando estórias de uma vida solitária. O foco desta ação desenvolvida dentro de um frigorífico, problematiza o espaço cozinha-frigorífico, enquanto lugar central da casa na condição trágico-doméstica feminina. A obra reutiliza o signo doméstico/utilitário, o frigorífico pela capacidade de situar comportamentos que foram tipificados/neutralizados, como sejam a asfixia, a apatia e a ansiedade, afetos a vivências de adversidade e caracterizados pela incapacidade de reação.

Sinalizar, através do registo sequencial fotográfico, uma conformação da conservação existencial, artificial, de uma rotina agonizante, leva-nos a metamorfosear a solidão de memórias estáticas “conservadas em frio”, a pressão de uma moral e estética instituída, nos referentes presentes no desenrolar desta ação. Esta abordagem contrapõe-se ao papel assumido nesta autorrepresentação feminina, mítica, de uma felicidade eterna, vulgarizada pelos medias, face à rudeza de uma realidade extenuante e violenta.



PAULA PINTO, ISABEL FREIRE E ANA BIGOTTE VIEIRA

CORPO MANIFESTAÇÃO, 2024

Podcast analógico

25 cartões alveolares com recortes para encaixe

(44 imagens impressas a P&B e a Cores),

100x70cm/ cada

Som e folheto

CORPO MANIFESTAÇÃO problematiza a articulação entre as lutas sociais encabeçadas pelas mulheres na revolução portuguesa de 1974 e as manifestações, políticas e culturais, a que emprestaram os seus corpos. Entre reivindicações e novas formas de expressão artística, entre a participação em debates e a exposição do privado e do doméstico no domínio político, a ativação dos seus corpos e a incorporação das novas visualidades no espaço público, as mulheres transformaram o meio cultural português. A revolução escrita nos múltiplos femininos, passou pela construção da imagem de um corpo discursivo, pelo acesso ao espaço público e internacionalização do debate, pelas experiências com a performance-arte, o acesso ao vídeo, à televisão e à imprensa, pela transformação da sociedade através da implementação de novas políticas que autorizaram a emancipação feminina.

Procurando responder à pergunta, “De que forma a performance-arte foi importante na luta pela emancipação e defesa da igualdade de direitos, liberdades e justiça das mulheres portuguesas na revolução de abril de 1974?”, este projeto apresenta um conjunto de casos da performance-arte em Portugal, pensados a partir de diferentes materiais visuais e de comunicação social, que refletem um campo de experimentação artístico e de manifestação política e cultural, constitutivos da conquista da democracia em Portugal.



Pormenor de *Corpo Manifestação*, 2024

VÂNIA ROVISCO

REACTING THROUGH THE ARCHIVE OF TIME, 2024

Performance

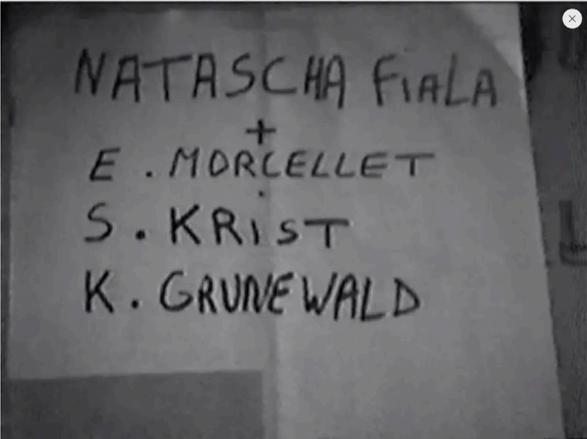
Que informações inscreve uma bailarina na interpretação de um documento de arquivo? Como é que este novo documento é inscrito no arquivo e que receção pública tem? Contendo uma vertente física de observação, reflexo da sua prática artística enquanto autora performer, Vânia Rovisco selecionou do arquivo a performance “Kunst kommt von Putzen” (“A Arte surge da Limpeza”) de Natascha Fiala, com Elisabeth Morcellet, Suzanne Krist, K. Grunewall apresentado no Festival de Arte Viva/ Alternativa 3 (Almada, 1983), como objeto de estudo de transmissão. No entanto, desta vez, centra-se na relação de observar o registo partindo duma simples e talvez até, ingénua, pergunta. Enquanto fundadora do projeto “REACTING TO TIME, portugueses na performance” (2014), lida com a transmissão do arquivo vivo da performance em Portugal, que até a data, operava com transmissão direta de uma obra do autor a Rovisco, um processo criado para depois ser transmitido em workshops transmissão e depois apresentado ao público. O conceito do projeto, para ativar

PERFORMING THE ARCHIVE

Performance “Kunst kommt von Putzen” (“A Arte surge da Limpeza”) de Natascha Fiala, com Elisabeth Morcellet, Suzanne Krist, K. Grunewall, Festival de Arte Viva, Alternativa 3, Almada, 1983, vídeo, p&b, 6'14”

Performance de Natascha Fiala, com Elisabeth Morcellet, Suzanne Krist, K. Grunewall, Festival de Arte Viva, Alternativa 3, Almada, 1983, vídeo, p&b, 6'14”

CRADOR	Natascha Fiala Elisabeth Morcellet Suzanne Krist K. Grunewall
CATEGORIA	Performance
SUBCATEGORIA	Fotogramas de vídeo (screenshots)
DATA	1983
ARQUIVO	Espólio Egídio Álvaro
GRUPO	Alternativa 3 - Festival Internacional de Arte Viva (Almada), 1983 Vídeos
TIPO DE RECURSO	Vídeo
DIREITOS	Autor do vídeo: desconhecido (sem-se uma voz em português e a determinado momento no filme vê-se um outro homem a filmar em cima do palco).



na prática e dar conhecimento a um legado rico performativo que aconteceu em Portugal, como a Clara Meneres (Grupo Acre) observou, “caiu num hiato do tempo”.

As diferentes anotações que a performance pode gerar, questionando as suas diferentes ocupações no espaço e no tempo, problematiza a receção pública dos conteúdos gerados. Voltamos à pergunta ingénua de Rovisco: Que transmissão, forma, receção, etc... pode ocorrer, num processo de passagem da observação para a escrita, e só depois apresentado ao público? Como se realiza a descrição dum objeto performativo documentado, por quem pratica intensamente a profissão? A vontade foi sempre a de conhecer o arquivo, fazer perguntas, experienciar, com o desejo de achatar o hiato necessário para atualizar o presente na performance, como a relação do público ao recebê-lo. Nesta relação eletromagnética outro algo, é capaz de surgir.

INÊS TARTARUGA ÁGUA

On Plant Becoming, “2020 (2024 short edit)”

Video-performance,
16:9 HD, 2'00”

As plantas operam numa escala de tempo tão diferente da nossa que nos é difícil apreender plenamente o seu modo de ser. As suas vidas são - aparentemente - marcadas por uma cadência lenta e deliberada: o desenrolar de uma folha, o surgimento gradual de um caule, o desdobramento meticuloso de uma flor. Estes movimentos são tão imperceptíveis no fluxo da vida quotidiana, cuja contemporaneidade nos obriga, que podemos facilmente desconsiderá-los. Representam também um aspecto fundamental do ser que contrasta fortemente com a velocidade e a urgência que tanto precisamos para formar resistência anti-capitalista e lidar com a perda de futuro acelerada pela crise climática.

A sensação de impotência perante as barbaridades que assistimos diariamente demove-nos em total apatia ou dormência induzida. *On Plant-Becoming* é assim um exercício poético de lutar contra a minha (nossa) apatia, ansiedade e letargia inerente à sensação de impotência, não através do movimento frenético no espaço, mas sim sintonizando com o ritmo mais subtil mas extremamente transformativo das plantas e negar o ritmo insustentável do capitalismo.



Still de *On Plant Becoming*

MARIA BRAGA

Antro-pó-cedo, 2021

4 Ampliações em papel fotográfico,
30 x 30cm/ cada

Limpar, trabalho de quem foi ensinada a ver a impressão que deixamos nos espaços que habitamos.

Uma elipse de pele, pó e pano, onde fica a expressão do gesto de quem teima em reverter, de quem não queria ter aprendido a ver.



ALEXANDRA DO CARMO

Self Portrait, 2001

Fotografias polaroid,
dimensões variáveis

Autoretrato é composto por uma série de fotografias Polaroid izone tiradas em 2001, aquando da minha chegada a Nova Iorque. Neste trabalho o meu corpo nú é retratado como uma base material para a obra de arte. Deitado em cima da mesa do ateliê o corpo permanece quase inerte, como se de um objecto se tratasse, constituindo um cenário auto referencial de trabalho. No entanto este inscreve o corpo do autor numa espécie de essência do acto performativo; a exposição do corpo do autor ao desejo que o espectador tem de o transformar. Este corpo emerge como uma representação/apresentação da minha própria linha temporal de prática e constitui a base conceptual dos trabalhos em papel, onde a repetição é crucial no tempo contínuo do desenho.

As fotografias retratam a passagem do tempo porque captam a intensidade com que a luz solar vinda da janela do ateliê atinge o corpo nú

interacção com o que está para além das paredes do ateliê. Esta ideia permaneceu comigo todos os dias, cada vez que me deitava na mesa de trabalho-apesar de aqui neste trabalho surgir apenas como uma metáfora encurralada na luz vinda da rua e que dá forma ao objecto/corpo/intenção autoral e o que dessa luz eventualmente também volta ao corpo e é absorvida. Configurei o meu corpo por um período de tempo e de modo a servir o olho da máquina e o conceito que este mesmo corpo imaginou-matéria e pensamento. Represento-me e apresento-me como a materialização dos meus próprios pensamentos, como se ideias pudessem ser servidas em cima da mesa para serem usadas.

Interrogo a natureza do auto-retrato, o que significa ser objecto e sujeito simultaneamente. Neste caso particular, o auto-retrato é o retrato de uma declaração de autor; o compromisso assumido de



Alexandra do Carmo, *Self Portrait*

e muda a sua aparência, referindo-se a um corpo sujeito que também é objecto. Esta linha cinemática não tem limite temporal, nem o espectador sabe quanto tempo durou o evento retratado, é uma espécie de evento atemporal do que acontece nos bastidores da arte-comprimentos de onda vindos de uma janela de ateliê, definindo com maior ou menor intensidade a forma de um corpo autoral exposto, vulnerável. Segundo o website da NASA “Quando uma onda de luz se encontra com um objecto, ela é ora transmitida, reflectida, absorvida, refractada, polarizada, defractada ou espalhada, dependendo da composição do objecto e do comprimento de onda dessa luz”.

O trabalho encerra esta possibilidade contida na obra em transformar a realidade quando produzida com base na experiénciação e

me expôr à interpretação alheia. O corpo representado/apresentado nestas fotografias pretende ser uma visão dos bastidores da prática artística, daquilo que está em constante mudança por via do tempo e da luz. Esta é uma espécie de autoria servida crua - ou seja, quando o corpo está disponível para o vestirem com outros significados.

Em última análise um auto-retrato não é mais do que o reconhecimento de como a nossa própria matéria reflecte e distribui os comprimentos de onda externos ao próprio corpo, e de como os absorve, transformando-os em energia térmica autoral ou defractando esta luz, dobrando e espalhando as suas ondas à volta desta matéria. Um auto-retrato é uma superfície de trabalho sempre pronta a ser atingida por comprimentos de onda vindos do espaço público.

TÂNIA DINIS

Femmes, 2012

Super8/transfer digital, Cor, Stereo, 2'50"
Realização de Tânia Dinis. Música de Jorge Quintela.
Com Teresa Alpendurada, Diana Sá, Sofia Torrinha,
Sara Pereira. Colaboração artística de Tales Frey. Pro-
dução de Tânia Dinis e Jorge Quintela.

Femmes faz parte integrante de uma conferência-performance que trabalha o confronto com o erro no processo da construção de um filme. Durante a performance a artista vai, desconstruindo o processo de trabalho, analisando processos artísticos sobre a intimidade, a sensualidade, o feminino, do acto de filmar, a perda da imagem ou mesmo códigos associados ao corpo feminino. As imagens, como é o caso de Femmes, que tem a duração de uma bobine de Super 8, sem uma narrativa linear, são acompanhados por uma música que evoca estes corpos para um plano onírico, criando a ilusão de várias personagens que viajam pelo olhar de uma outra mulher. Uma câmara que tem o papel de observar, um olhar exterior que acompanha, que compõe esta relação de movimentos mais ou menos coreografados, num imaginário bucólico, ao mesmo tempo que funciona como um olhar para o seu próprio corpo.



Still de *Femmes*

SELEÇÃO DE VÍDEOS DO ACERVO DO PERFORMING THE ARCHIVE

I

**Natascha Fiala, Elisabeth Morcellet,
Suzanne Krist, K. Grunewall**
A arte surge da limpeza
Festival de Arte Viva, Alternativa 3,
Almada, 1983
Vídeo de autor desconhecido, p&b, 6'14"

**Natascha Fiala, Elisabeth Morcellet,
Suzanne Krist, K. Grunewall**
A arte surge da limpeza
Festival de Arte Viva, Alternativa 3,
Almada, 1983
Vídeo de René Licata, cor, 1'14"

II

Elisabete Mileu
Festival de Arte Viva, Alternativa 3,
Almada, 1983
Vídeo de autor desconhecido, p&b, 4'06"

Elisabete Mileu
Festival de Performance Portugaise,
Centro Georges Pompidou, 1984
Vídeo de René Licata, cor, 6'50"

Chantal Guyot
IV Encontros Internacionais de Arte em
Portugal,
Caldas da Rainha, 1977
Vídeo de Ursula Zangger, p&b, 8'05"

ORLAN

*S'habiller de sa propre nudité/
Vestir-se com a própria nudez,*
Espaço público das Caldas da Rainha
+
Baiser de l'Artiste/ Beijo da Artista,
IV Encontros Internacionais de Arte em
Portugal, Museu José Malhoa,
Caldas da Rainha, 1977
Vídeo de Ursula Zangger, P&B, 2'44"

Natasha Fiala
Strangers in the Night
V Festival de Arte Viva, Aniki Bóbo,
Porto, 1987
Vídeo de autor desconhecido, p&b, 1'57"

Catherine Meziat
V Festival de Arte Viva, Aniki Bóbo,
Porto, 1987
Vídeo de autor desconhecido, p&b, 8'49"

Ção Pestana
Aria II
Cooperativa Árvore, Porto 1987
Vídeo de Carlos Teixeira, cor, 14'38"

Lydia Schouten
I feel like boiled milk
Art Aujourd'hui, Strasbourg, França, 1980
vídeo, p&B, 12'05"
Distribuído por LIMA, Amsterdam.

Vânia Rovisco
Recriação da performance apresentada por
Elisabete Mileu, no Festival de Arte Viva,
Alternativa 1, Almada, 1981.
RAMPA, Porto, 2022
Vídeo de Paula Pinto, Cor, 8'38"

Bárbara Fonte
Prelúdio febril
RAMPA, Porto, 2024
Vídeo de Paula Pinto, cor, 7'20"

III

VÍDEO ESCOLHIDO POR JULIANA JULIETA
**Natasha Fiala, Elisabeth Morcellet,
Catherine Méziat e Sylvia Kirchoff**
Mirror Action
Vídeo galerie bar HÉLIUM 3, Paris, 1984
Excerto de vídeo de René Licata

COORDENAÇÃO CURATORIAL

PAULA PARENTE PINTO (Porto, 1971)
é Doutorada em Estudos Visuais e Culturais na Universidade de Rochester, Nova Iorque (2016). Trabalhou como investigadora e produtora de exposições no Museu de Arte Contemporânea de Serralves (2000-2002). Foi co-fundadora e co-editora da revista InSi(s)tu (2001-2005). É autora de vários livros. Destaca-se a co-autoria com David Guéniot, *IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal: Caldas da Rainha, 1977*, Lisboa: Edições Ghost, 2019. Desde 2011 que é investigadora e curadora independente (selecção): “Guido Guidi: Carlo Scarpa. Tomba Brion” (Lisboa: Galeria Sul do Centro Cultural de Belém, 2014); “Stefano Serafin: arte em estado de guerra” (Lisboa: Galeria da Avenida da Índia, 2019); “R2/ Fabrico Suspense: Itinerários de Trabalho” (S. João da Madeira: Centro de Arte Oliva, 2019); “Bárbara Fonte: Neste corpo não há poesia (Guimarães: C.A.A.A., 2020); “Que horas são que horas? Uma galeria de histórias” (Porto: Galeria Municipal da Biblioteca Almeida Garrett, 2020); “Albuquerque Mendes: corpo de performance” (Vila Real: Museu da Vila Velha, 2021); “Egídio Álvaro (1937-2020). Lembrar o Futuro: Arquivo de Performance” (Porto: RAMP, 2022). “Grupo Puzzle (1976-1981)” (Bragança: Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2022-23); Co-produz o filme “Guido Guidi: Vivi nascosto” com Paulo Catrica.

INVESTIGADORA CONVIDADA

RITA BARREIRA (Lisboa, 1979)
é investigadora no Instituto de História da Arte, NOVA- FCSH e candidata a doutoramento com o projecto «PIGS»: Espaços de Exaustão como Prática Artística no Sul da Europa» financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) [2020.06548.BD]. A sua pesquisa foca-se nas práticas artísticas inscritas pelo território, ativismo, coletivismo, auto-organização e autonomia. Posiciona a investigação como uma prática social em contexto académico e não académico. Co-organiza exposições, instalações, performances e conversas para a produção de espaço político.
+ info
@r_barreira
<https://fcsht-pt.academia.edu/RitaBarreira>

INVESTIGADORA CONVIDADA

VERA CARMO (Porto, 1980)
é curadora independente e investigadora. Doutoranda em Artes Plásticas na FBAUP. Mestre em Estudos Mu-

seológicos e Curatoriais (2013) e Licenciada em Artes Plásticas-Escultura (2004) pela mesma instituição. Docente na Universidade da Maia (ISMAI). O seu trabalho tem vindo a focar a história da imagem em movimento, sublinhando-se a participação no projeto de investigação *CineVideoArt - Catálogo de Filmes e Vídeos de Artistas Portugueses* (2019-2020) Dos seus projetos curatoriais destacam-se *What do U want 4 Xmas?* (Rampa, Porto, 2020-2021), *Transubstanciação* (Poste Vídeo-Arte, Porto, 2020-2022) e a co-curadoria da exposição *Guerrilla Shout- Out!* Arquivo Gráfico de Alice Neel (Rampa, Porto, 2022).

INVESTIGADORA CONVIDADA

CLÁUDIA MADEIRA (Elvas, 1972)
é Professora associada com agregação e investigadora no ICNOVA (onde é vice-coordenadora do Grupo Performance & Cognição) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Colabora também como investigadora no Centro de Estudos Teatrais (CET/FLUL). Cláudia concluiu um programa de pós-doutoramento, *Arte Social. Arte Performativa?* (2009-12) e é doutorada em Sociologia sobre *Hibridismo nas Artes Performativas em Portugal* (2007) pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Além de vários artigos sobre novas formas de hibridismo e performatividade nas artes, é autora de *Performance Art in Portugal* (Routledge 2023), *Arte da Performance made in Portugal* (ICNOVA Ebook 2020). *Híbrido. Do Mito ao Paradigma Invasor?* (Mundos Sociais 2010) e *Novos Notáveis: os Programadores Culturais* (CELTA 2002). Cláudia leciona nos cursos de licenciatura e mestrado, do Departamento de Ciências da Comunicação da NOVA FCSH, em Comunicação e Artes e Artes Cénicas. Tem vindo a desenvolver trabalho de dramaturgista em diversos contextos desde 2016.

PERFORMER E ARTISTA CONVIDADA A PRODUZIR OBRA ORIGINAL

BÁRBARA FONTE (1981)
é artista plástica, apresenta um trabalho multidisciplinar no campo do desenho, da fotografia, do vídeo, da escultura e da performance. O seu projeto reflete sobre as questões de identidade, corpo, religião e política. Licenciada em Artes Plásticas – Pintura e pós-graduada em Teoria e Prática do Desenho pela Faculdade Belas Artes da Universidade do Porto. Destacam-se as seguintes exposições individuais: *A casa arde e os esqueletos cortejam*, Sismógrafo; *Unha branca diabólica*, Extéril; *Coreografias do Riso*, C. M.

Abel Salazar; *Pústula*, Galeria A. Molder; *Neste corpo não há poesia*, CAAA; *M (de manifesto)*, Galeria UM; *Fluxo de Intervalos*, Galeria CM S. João da Madeira; *Reversibilidade*, Fundação Júlio Resende. Destacam-se também as exposições: *O fantasma da Liberdade*, Anozero’24; Pós-laboratórios de Verão 2023, CIAJG; *La vie invisible. 12 artistes*, Centre Photographique d’Île-de-France; *Sonhos e Raciocínios. 500 anos depois de L. da Vinci*, FBAUP; *Fazer do fantasma uma pessoa viva*, C.M. M. Ortigão Sampaio; *Inside/Outside*, Plataforma Revólver.

PERFORMER CONVIDADA A PRODUZIR OBRA ORIGINAL

TITA MARAVILHA
é uma artista multidisciplinar formada em artes cénicas pela Universidade de Brasília. Radicada em Portugal desde 2018, participou de diversos projetos, incluindo o Trypas Corassão, em colaboração com Cigarra. Entre 2020 e 2022, desenvolveu espetáculos como *Tita no País das Maravilhas* e *Exercício para performers mediocres*. Além disso, é programadora do Precárias: Festival de Performance. Em 2022, venceu a 5ª Bolsa Amélia Rey Colaço e, em 2024, foi premiada com o Prémio Revelação Ageas Teatro Nacional D. Maria II, reconhecendo a potência política de sua arte.
titamaravilha.com

PERFORMER CONVIDADA A PRODUZIR OBRA ORIGINAL

VÂNIA ROVISCO (África do Sul, 1975)
é artista visual performativa, concluiu o Curso para Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança (1998-2000). Trabalhou como intérprete com Meg Stuart/Damaged Goods (2001-2007) e colaborou com Pierre Colibeu, Helena Waldman, Gordon Monahan, Vera Mantero entre outros. 2004 começou a fazer direção de movimento com João Brites, Marco Martins entre outros. Desde 2003 dá formação, faz coaching em vários cursos profissionais. 2007 tomou a decisão de colocar o corpo no contexto da galeria de arte, concebendo instalações e performances, o que se tornou um alicerce na concepção do seu trabalho, que envolve também o vídeo. É co-fundadora da plataforma artística AADK. 2013 estreou solo “The Archaic, Looking Out, The Night Knight”. Participou na Feira de Arte Contemporânea mOstra14 e 17. Seu projeto “REACTING TO TIME, portugueses na performance” (2014) lida com a transmissão do arquivo vivo da performance em Portugal. Autora da peça de

grupo “EQUANIMIDADE – ÂNIMO INALTERÁVEL” para o Festival Walk&Talk (2017). Fez a curadoria do Programa Avançado de Criação em Artes Performativas - PACAP3 no Fórum Dança em 2019 e nesse mesmo ano lançou-se num projecto pessoal de criar um espaço que visa integrar várias disciplinas, práticas artísticas e agrárias acolhidas na encruzilhada do campo e da cidade 40 km a sul de Lisboa.

ARTISTAS CONVIDADOS A PRODUZIR OBRA ORIGINAL

OFICINA ARARA – ARENA DE CRIAÇÃO E OUTRAS CURVATURVAS

Colectivo fundado em 2010. Sediado num beco do Porto, é um laboratório de actividade psicotrópica e de inflamação sónico-visual, equipado para trabalhar em serigrafia sob a mecânica autística da sua Brutemberg. É projectado como um espaço autónomo e aberto de experimentação em torno da produção de cartazes, livros e outras criações, tentando estabelecer uma relação directa, contínua e ininterrupta entre o acto de desenhar e a impressão de múltiplos.

A Oficina Arara abre periodicamente a casa para diferentes momentos de encontro e catarse colectiva, manifestações sinestésicas e exorcismos rituais que são o prolongamento da sua acção, numa reinscrição cíclica de um tempo e de um território comunitário.

Ao longo dos anos arpejou fronteiras dentro e fora de portas, criando parcerias umbilicais com diferentes tribos de grafistas e activistas bárbaros, entre os quais: Novo Doba—Festival (RS), Le Dernier Cri (FR), Salon Mirage (BE) Monstre Festival (CH), MAGA, Oficinas do Convento, Crack—Fumetti Dirompentí Festival! (IT), HSHCrew (FR), Soopa, Sonoscopia, Atelier Logicofobista, Stripburger (SL), Es.Col.A, Terratrema, Gutter Fest (ES), P.A, Favela, Turbina, Linha de Sombra, Festival Tenderete (ES)...

Em 2014, os membros da Oficina Arara decidiram constituir-se como associação, e criaram para o efeito a CURVATURVA — Associação Cultural e Recreativa. Fazem parte do ontem e do agora: Miguel Carneiro, Pedro Nora, João Alves, Luís Silva, Irina Pereira, Bruno Borges, Dayana Lucas, Daniela Duarte, Ruca Bourbon, Von Calhau, Rui Silva, Mariya Nesvyetaylo...

ARTISTA CONVIDADA A PRODUZIR OBRA ORIGINAL

ISABEL CARVALHO (Porto, 1977)

O seu percurso artístico caracteriza-se por uma forte componente experimental, sustenta-se na investigação, principalmente no domínio da filosofia e da lite-

ratura, e desenvolve-se no cruzamento das artes com as ciências e o conhecimento especulativo. Nos seus projetos aborda recorrentemente questões relativas à materialidade subjacente à linguagem e extensíveis às formas expressivas não-verbais. O seu trabalho tem-se desenvolvido na íntima articulação entre as artes visuais, a escrita, a edição e a publicação de livros, grupo de expressões ou meios que, ao longo dos últimos anos, têm vindo a expandir para a escultura e a ocupação do espaço tridimensional. Expõe individual e coletivamente, destacando-se, entre as mais recentes apresentações, as seguintes: *CASTING A SOUNDING VOICE*, no CAAA — Centro para os Assuntos da Arte e da Arquitetura (2023, Guimarães), *MUSEU MINEIRO*, na Galeria Quadrado Azul (2022, Porto), *LANGAGES TISSÉS*, no Centre d'Arte Le Lait (2021, Albi, França), *STRANGE ATTRACTOR*, no Pavilhão Branco (2021, Lisboa) e *PÊS DE BARRO*, na Galeria Municipal do Porto (2021, Porto) e *AR(a)C(hnê)-EN-CIEL*, na Galeria Quadrado Azul (2019, Lisboa). Fez residências na NTU Centre for Contemporary Art Singapore, Singapura; na Kunstlerhaus Bethanien, Berlim, Alemanha; na Maaretta Jaukkuri Foundation, Lofoten, Noruega e no PAN café, Paris, França. Está representada em várias coleções públicas e privadas. Foi responsável pelo projeto Navio Vazio, um espaço de ocupação temporária de experimentação editorial a três dimensões. Em 2017, iniciou o projeto editorial de uma revista — Leonorana —, da qual é autora e editora. É membro fundador da EARTHSEA — Associação cultural dedicada à promoção e disseminação da investigação artística interdisciplinar, centrada na interseção entre ecologia e tecnologia.

ARTISTA CONVIDADA EM RESIDÊNCIA

JULIANA JULIETA (Barcelos, 1994)

é artista visual que trabalha entre Pintura e Cinema Experimental. Licenciada em Pintura, FBAUP (2016) e Mestre em Pintura, FBAUL (2019), com a tese e exposição individual intitulada “MEND THE GAP - O vazio que transborda em vida: pintura”, 2019. Erasmus na EKA, Estónia (2017).

No seu trabalho, em película ou pintura a óleo, explora a fisicalidade sensível/ orgânica dos materiais e processos, inquirindo sobre uma relação tátil, sensorial, cumulativa e fenomenológica de criar imagens.

Cofundou a EARTHSEA (2023), associação cultural dedicada à promoção e difusão da investigação artística interdisciplinar, com foco na interseção entre ecologia e tecnologia. Membro do Laboratório da Torre (Porto) e da Cave (Lisboa). Colabora com a

Casa do Xisto como instrutora 16mm nos workshops de eco-processing. Residências Artísticas: “PRIMAL LIGHT #3 – SPECTRAL”, Laboratório da Torre e Batalha Centro de Cinema, Porto 2023. Mono No Aware (NY) exibindo filmes na Anthology Film Archives (2022, bolsa FLAD); InResidence no Performing The Archive, Porto, 2024.

ARTISTA E INVESTIGADORA CONVIDADA A RECRIAR OBRA HISTÓRICA

ÇÃO PESTANA/ ASSUNÇÃO PESTANA

(Funchal, 1953)

frequentou o curso de medicina, Universidade de Coimbra (U.C.) e participou no CAPC em exposições coletivas e individuais na década de 70 e inícios de 80 onde pertenceu ao grupo GICAP – Cores. Desenvolveu diferentes performances, sendo premiada pela Fundação Calouste Gulbenkian (F.C.G.) em Videoarte (1986) e possui menção honrosa de Performance na Bienal de Vila no de Cerveira, 1985, Portugal. Pertenceu ao coletivo Videoport.

Foi ainda homenageada pelo Centro Cultural de Fimalicão, 2005/06, seguindo-se outras participações individuais e coletivas com destaque mais recentemente para *la vie invisible*, 2022, Centre de Photographie in D'ille de France, com curadoria de Raquel Guerra e no IVAM/Valencia, curadora Giulia Lamoni, 2024. Possui obras em várias coleções privadas e pública (Dgates 2022), arquivos (F.C.G.) e ainda em museus de arte contemporânea: Malpartida de Cáceres/ Museu Wolf Vostell, Espanha, Madeira/MUDAS, Bienal Vila Nova de Cerveira, Portugal e Centro Cultural de Tenerife, inserida na coleção de Pedro. Foi bolsista da F.C.Gulbenkian 1987/1988. Lecionou no I. Piaget e ESAP em áreas artísticas – educação. Possui o bacharelado em cine vídeo (ESAP), licenciatura em arte arqueologia e restauro, (IPT) mestrado em H.I. Americana (U. Portucalense) e Phd D.O.E: I.e I. em educação artística, USP/Espanha 2011. Investigadora em arte e educação.

ARTISTA SELECIONADA PARA EXPOSIÇÃO

INÊS TARTARUGA ÁGUA (1994),

artista multidisciplinar oriunda de Válega, centra-se nas questões da ecologia profunda e da regeneração radical. Exploradora sonora e adepta da filosofia DIY, bem como de práticas colaborativas e participativas em espaço público. Água participa em exposições coletivas desde 2013, com destaque para a “XIII Bienal Internacional de Cerâmica Artística” (Aveiro, 2017), “Убежище/Suoja/Shelter

Festival - Laboratory” (Helsínquia, 2019), «48 часов Новосибирск» (Sibéria, 2019), ou a Bienal de Arte Contemporânea da Maia (2021). Recentemente estreou peças inéditas em O Museu Como Performance no Museu de Serralves (Porto, 2021 e 2022) e na Biblioteca Pública de Salamanca (2021). Co-fundadora do coletivo ambiental REFLUXO e do duo experimental DIES LEXIC. Integra o coletivo artístico internacional “Mycelium” (RU, DEN, IT, EUA e PT) e “MOSCXS” com sede no Porto.

ARTISTA SELECIONADA PARA EXPOSIÇÃO

MARIA BRAGA (1980),

inicia os seus estudos em artes visuais em 1998 no arco, prosseguindo-os na Maumaus – Escola de Artes Visuais em Lisboa onde completou a sua pós-graduação com um intercâmbio na Universidade de Glasgow no Master of Fine Arts. O seu trabalho, cruza género e alimento questionando os símbolos através dos quais escolhemos os que consumimos.

ARTISTA SELECIONADA PARA EXPOSIÇÃO

ALEXANDRA DO CARMO

é doutorada pela Universidade Nova de Lisboa e mestre pelo Pratt Institute. Integrou o Whitney Museum Independent Study Program e estudou no Ar.CO em Lisboa. A sua prática artística centra-se no ateliê como campo conceptual de estudo, investigando e revelando as dinâmicas, condições e limites da autoria. Projectos mais significativos incluem *Tudo foi Captado (mesmo os movimentos do cabrito)*, *O Ateliê Verde no IC19, Studío Socialis*, e *Office/Commercial*.

ARTISTA SELECIONADA PARA EXPOSIÇÃO

TÂNIA DINIS (Vila Nova de Fimalicão, 1983)

tem Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas FBAUP, 2015. O trabalho atravessa diversas perspetivas e campos artísticos, tais como a fotografia, performance, cinema, partindo de imagens de arquivo de família e outros registos de imagens do real. Dos seus filmes destacam-se, *Tão pequeninas, tinham o ar de serem já crescidas* 2024, premiada no festival Indie Lisboa e MDOC - Melgaço, Lurdes 2021, prémio Incentivo no FUSO, *Não são favas, são feijocas* 2013, premiada em vários festivais de cinema, Laura 2017 prémio no Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo. Seleccionada para ARTISTA NO CENTRO 2020/2021 pela Oficina – Guimarães. Integrou diversas exposições coletivas. Está representada na coleção de arte contemporânea do Município do Porto.

INVESTIGADORAS CONVIDADAS A COLABORAR NA CRIAÇÃO DE OBRA

ISABEL FREIRE

Licenciada em Filosofia e doutorada em Sociologia. Investigadora da história da sexualidade. Autora de Compassos Feministas. Associações Federadas no Conselho das Mulheres Portuguesas (1914-1947) (Prémio Maria Lamas, de Estudos sobre a Mulher, Género e Igualdade, em 2024); de Sexualidades, Media e Revolução dos Cravos; de Amor e Sexo no Tempo de Salazar; e de Fantasias Eróticas: Segredos das Mulheres Portuguesas.

ANA BIGOTTE VIEIRA, (1980, Lisboa)

é Co-IR do projeto FCT Archiving Theatre e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea. Publicou Uma Curadoria da Falta. O serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian 1984-1989, a partir da sua investigação de doutoramento (Menção Honrosa Prémio Mário Soares 2016). Entre 2018 e 2023 fez parte da equipa de programação do Teatro do Bairro Alto. Juntamente com João dos Santos Martins iniciou o projeto Para Uma Timeline a Haver: genealogias da Dança como Prática Artística em Portugal de que dança não dança – arqueologias da Nova Dança em Portugal é a VII edição.

DESIGNER

ANA CLARA LUZ

é designer multidisciplinar licenciada pela ESMAD Instituto Politécnico do Porto e mestre em Estudos Curatoriais pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Reside atualmente no Porto.

**CORPO MANIFESTAÇÃO:
TRANSMISSÕES DA PERFORMANCE-ARTE
NOS FEMINISMOS EM PORTUGAL**

Coordenação Curatorial

Paula Parente Pinto

Montagem

António Machado e Marcelo Reis

Design

Ana Clara Luz

Agradecimentos

Eliane Ferreira